



*Luísa Leite Santos de Freitas*

## **Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce**

## **Tautologies and phantasmagorias: time for Jorge Luis Borges and James Joyce**

Luísa Leite Santos de Freitas<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[luisa.freitas@uerj.br](mailto:luisa.freitas@uerj.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6123-4335>

---

<sup>1</sup> Professora adjunta no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua na pós-graduação lato sensu, na mesma instituição, como professora do curso de especialização em literaturas de língua inglesa e na especialização em tradução inglês/português. Doutorado e mestrado em Teoria Literária pela Universidade de Brasília, com pesquisa financiada por bolsa Capes e bolsa do Fundo de Apoio à Pesquisa do DF. Em 2017, foi visiting assistant in research no Departamento de Literatura Comparada da Yale University, EUA, com bolsa Capes do Programa de doutorado-sanduíche no exterior (PDSE). Integra o Grupo de Trabalho em Tradução da Anpoll e o Grupo de Estudos Joycianos no Brasil. Coordena o projeto de extensão sobre escrita e leitura Ateliê Literário/Writing Hub e é uma das coordenadoras do grupo de estudos Here Comes Every Joyce. Desenvolve pesquisa nas áreas de estudos da tradução e literatura comparada.



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

**Resumo:** A característica estrutural circular do texto de *Finnegans Wake* (1939), publicação derradeira de James Joyce (1882-1941), somada à divisão do texto em quatro livros e à intertextualidade com o filósofo Giambattista Vico (1668-1744), suscita, de imediato, o tema da temporalidade como central para o texto mais *sui generis* da obra joyciana. O tempo foi uma temática central também na obra de Jorge Luis Borges (1899-1986), de que tratou tanto diretamente, em ensaios, quanto enquadrando hipóteses ficcionais. Neste artigo, aproximam-se *Finnegans Wake* e elucubrações borgianas a respeito de temporalidade, em especial no seu conto “A Biblioteca de Babel” (1941). Desse grande tema, enfoca-se, mais especificamente, a noção de eternidade e como ela inclui circularidade e repetição. Abordo brevemente, ainda, o que Borges escreveu a respeito dessa obra de Joyce.

**Palavras-chave:** James Joyce; *Finnegans Wake*; Jorge Luis Borges.

**Abstract:** The circular structure of *Finnegans Wake* (1939), by James Joyce (1882-1941), as well as the separation of the text into four books and the overall intertextuality with the philosopher Giambattista Vico (1668-1744), immediately point out how much the topic of temporality is central to the most *sui generis* of all joycean publications. Time was also a central theme for the writer Jorge Luis Borges (1899-1986), who addressed it more directly in his essays but created hypotheses on the subject in his fiction as well. This paper approximates *Finnegans Wake* and some of Borges's meditations on temporality, especially in his short story “La Biblioteca de Babel” (1941). Considering the broadness of the topic, I narrow my focus to the notion of eternity and how it may include circularity and repetition. I also briefly address what Borges published about Joyce's work.

**Keywords:** James Joyce; *Finnegans Wake*; Jorge Luis Borges.

A característica mais aparente e mais conhecida de *Finnegans Wake* (1939), de James Joyce (1882-1941), é sua estrutura circular, com um texto que se abre em minúsculas, em meio a uma frase. Também conhecida é a referência de Giambattista Vico, em especial sua *Scienza Nuova* (1725), cuja compreensão temporal em idades inspirou o autor em sua última publicação. Somada à divisão do texto de *Finnegans Wake* em quatro livros e à intertextualidade com a biografia e a obra do filósofo napolitano, a estrutura circular coloca o tema da temporalidade como imediatamente central para o texto mais *sui generis* da obra joyciana.

O tempo também foi aspecto central à obra de Jorge Luis Borges (1899-1986), que tratou do tópico em ensaios e enquadrando hipóteses a respeito em sua ficção. Neste artigo, abordo aspectos de elucubrações borgianas sobre temporalidade, pensando o portenho como leitor da obra joyciana, em especial de *Finnegans Wake*. Parto de seu



Luísa Leite Santos de Freitas

conto “La Biblioteca de Babel” e de ensaios sobre o tema, como “Nueva refutación del tiempo”, publicado inicialmente na revista *Sur* em 1944 e reunido em *Otras Inquisiciones* (1952). Destaca-se, dessa temática ampla, a noção da eternidade — e sua contrapartida espacial, a infinitude — e como ela inclui circularidade e repetição.

Para pensar em Jorge Luis Borges como leitor de James Joyce, deve-se levar em conta o contexto de resgate de seus textos jornalísticos. Há apenas pouco mais de duas décadas, muitos dos escritos esparsos de Borges, inicialmente publicados em revistas de Buenos Aires, vêm sendo recuperados e publicados em livro. Permaneceram, portanto, por um bom tempo, menos conhecidos, à margem da obra borgiana canonizada (NOVILLO-CORVALÁN, 2011, p. 48). Alguns desses textos tratam da obra de James Joyce, começando por sua resenha de *Ulysses*, de 1925, em que famosamente se declara o então desbravador desse romance no mundo hispânico: “Soy el primer aventurero hispánico que ha arribado al libro de Joyce” (BORGES, 1925, p. 20)<sup>2</sup>. Tal resenha foi publicada na revista *Proa*, fundada pelo autor no início da mesma década, além de sua tradução das últimas duas páginas de “Penélope”. Outros textos de Borges sobre a obra joyciana foram publicados nas revistas *El Hogar* e *Sur* nas décadas subsequentes, incluindo duas resenhas de *Finnegans Wake*, ambas de 1939. Em 1941, um obituário de Joyce escrito por Borges foi publicado na revista *Sur*. Na coletânea *Textos Cautivos* (1986), Borges reuniu, entre outros textos publicados na *El Hogar*, uma breve autobiografia de Joyce, de 1937, e a resenha de *Finnegans Wake*.

Em uma das resenhas, Borges diz ser inegável que Joyce é dos melhores autores de seu tempo e que, “verbalmente”, talvez seja o melhor (BORGES, 2001, p. 195). Os dois autores foram aproximados por Umberto Eco em sua aula “Entre la Mancha e Babel”. Eco compara a obra de Borges à de Joyce concluindo, em um primeiro momento, que se deveria pensar Borges como um conservador, em oposição ao experimentalismo joyciano. Esse conservadorismo, contudo, seria o de um “arquivista

---

<sup>2</sup> Cito, aqui, conforme o texto na coletânea *Inquisiciones* (posteriormente excluída das obras completas), mas vale apontar que Borges originalmente teria grafado as palavras “EL PRIMER AVENTURERO” em caixa alta (NOVILLO-CORVALÁN, 2011, p. 168).



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

delirante” (ECO, 2011, p. 112), e Eco sintetiza nesse oxímoro o experimentalismo mais especificamente borgiano. Eco afirma que ambos os escritores tinham um mesmo projeto para suas obras, com a diferença de que “Joyce jogou com as palavras, Borges com as ideias”, querendo dizer que Joyce fazia um trabalho no nível “subatômico” da linguagem” e Borges, em nível “atômico”, rearranjando elementos para “recompô-los em novas moléculas” (ECO, 2011, p. 113).

É o uso de termos *portmanteau* que Borges considera como a novidade de *Finnegans Wake*, determinando, para isso, Lewis Carroll e seu Humpty Dumpty como precursor (BORGES, 1999, p. 164). No entanto, Borges parece intuir que a atenção demasiada ao desmonte desses termos é gasto equivocado de energia crítica — embora os caracterize como uma “profusão metódica” no ensaio “Joyce y los neologismos”. Para além do evidente aspecto polissêmico do texto de *Finnegans Wake*, essa obra narrativamente se constitui, em larga medida, por inúmeras versões do que seriam aparentemente os mesmos acontecimentos, repetidas ou recontadas por todos os quatro livros. Essas versões incluem variação de espaço e podem ter diferentes actantes, sugerindo ramificação temporal. Um momento pontual do passado se perpetua, assim, de acordo com cada relato, em variantes que se multiplicam. Tais variações não demonstram, contudo, diferença advinda apenas do ato de relatar, uma vez que não se explicam pela constatação de que uma cena resulta em diferentes experiências de acordo com a subjetividade de quem a vivencia. Muitos dos que recontam ou abordam algumas das historietas, aliás, sequer as vivenciaram. Ao se narrar a ocorrência *de novo*, e *de novo modo*, efetivamente passa a existir novo acontecimento a cada vez. Não só não há correspondência entre fato e relato; sequer há, em primeiro lugar, uma relação unidirecional e unívoca de fato relatado. Para além de mostrar que todo fato transposto em narrativa torna-se relato — e, assim, abre-se à variação com o que houver de mutável no novo narrar —, a origem factual do que se narra pode ser questionada.

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



Luísa Leite Santos de Freitas

A linguagem é, portanto, requisito para o alastramento de histórias distorcidas e para a conseqüente aniquilação da ideia de fato como tal — porção de informação clara e indubitável. Formam-se fatos distorcidos ou não-fatos, isto é, que nunca realmente ocorreram ou não exatamente da maneira como se pretende. Fatos narrativos seriam permanentemente passíveis de revisão e de rasura. Repetições em diferença, que impedem uma compreensão ordenada dos acontecimentos, formam um conjunto de elementos por vezes interpretado como uma aniquilação literária do tempo em *Finnegans Wake*. A descrição de Richard Ellmann em sua biografia de Joyce, por exemplo, presume o completo apagamento das fronteiras entre passado, presente e futuro:

Em todos os seus livros até *Finnegans Wake*, Joyce procurou revelar a coincidência do presente com o passado. Só em *Finnegans Wake* levaria essa concepção aos limites máximos, implicando que não existe presente nem passado, que não há datas, que o tempo — e a linguagem que é a expressão do tempo — é uma série de coincidências gerais de toda a humanidade. (ELLMANN, 1989, p. 680)

A anulação da temporalidade como instância narrativa ordenadora de fato ocorre. Contudo, as noções básicas de divisão temporal, como conceitos operadores, não são eliminadas. Sem elas, Joyce teria engendrado uma suspensão temporal que, equiparada à homogeneidade do eterno, permitiria uma leitura que não apenas começasse em qualquer página, mas seguisse qualquer ordem e direção. O que Joyce faz, porém, não é negar ou apagar as noções de passado, presente e futuro, como se pode notar nas tantas referências a essas palavras — especialmente à primeira — por toda a obra, bem como à memória e ao ato de lembrar, relatar, recompor restos e reminiscências. Esses atos aparecem com a galinha Belinda, a carta de Anna Livia, as intervenções dos evangelistas e as recuperações genealógicas a respeito de HCE. O que ocorre de distinto em *Finnegans Wake*, que o afasta de um romance tradicional para aproximá-lo de um texto (parcialmente?) narrativo (e altamente poético) *sui generis*, é que passado, presente e futuro são categorias sempre em tentativa de construção. As categorias existem em fugacidade, sem divisões certas e confiáveis.

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

Para além de o texto wakiano majoritariamente prescindir de ordenação temporal totalizante, o texto efetivamente *resiste* a ela. A implicação é a de que o ato de leitura, portanto, não se prestaria à organização temporal, como uma narrativa desordenada a ser reconstituída. Não se poderia encarar o texto como uma charada ou um quebra-cabeças se não há gabarito possível, *answer key* — isto é, se consideramos que sequer é possível a determinação temporal. Em vez disso, diferentes espaços-tempos se sobrepõem, difundindo-se *ao mesmo tempo*. Isso justifica as generalizações impensáveis a uma narrativa tradicional, a não ser como meros símiles, que em *Finnegans Wake* estruturam o próprio livro desde o seu início: Dublin é, pode ser ou corresponde ao mundo e o mundo a Dublin; HCE pode corresponder a todo o mundo e o mundo todo a HCE; ALP a todos os rios, todos os rios a ALP.

Em *Outras inquisições*, Jorge Luis Borges abre sua “Nova refutação do tempo” com uma nota preliminar em que descreve o próprio ensaio como, talvez, nada mais que o “precário artifício de um argentino extraviado na metafísica” (2000. p. 123). Em “O tempo e J. W. Dunne” (“El tiempo y J. W. Dunne”), da mesma coletânea, soa sóbrio e cético a respeito de conclusões sobre o tempo, afirmando não saber que tipo de coisa o tempo é — nem mesmo se é uma coisa (BORGES, 2001, p. 219). É notável como o tema perpassa seus escritos através dos anos, como no texto anterior “O tempo circular” (“El tiempo circular”, 1936), em que elenca nomes de pensadores que consideraram a hipótese das repetições de ciclos históricos. Em “História da eternidade” (“Historia de la eternidad”, 1936), Borges contrasta o tempo, o problema mais vital da metafísica, com a questão da eternidade, que, por sua vez, que seria “um jogo ou uma fatigada esperança” (BORGES, 2010, p. 11).

O eterno é, por definição, impossível de análise, isto é, de definição por partes. Para que a eternidade se configure, não bastaria somar passado, presente e futuro; seria necessário imaginar a simultaneidade de todos os instantes, como na onipresença divina. Em sua tentativa de traçar uma história da eternidade, Borges sintetiza que tal conceito

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



*Luísa Leite Santos de Freitas*

se fixou como atributo da mente ilimitada de Deus, como uma onisciência *ab aeterno* que forja uma “eternidade combinatória”. Dá conta, portanto, de todos os instantes e, mais ainda, dos que existiriam em quaisquer outras possibilidades (Ibid., p. 32). Tal onisciência combinatória configura, então, mais do que a apreensão simultânea de todas as informações existentes em qualquer ponto espaço-temporal, mas também a capacidade de combinar e prever as possibilidades outras. Em vez de insípida em seu conhecimento esgotado, Borges descreve essa eternidade como copiosa. Por fim, seu ensaio problematiza a apreensão dessa copiosa invenção — é inconcebível ao mesmo tempo que é inegável.

A conclusão de que o tempo sucessivo seria, em última instância, tão inconcebível ao humano quanto a eternidade o é (Ibid., p. 36) se aproxima das reflexões de seu ensaio posterior, “Nova refutação do tempo”, escrito em 1944 para a revista *Sur* e revisado em 1946. Borges expõe a dificuldade do tema na negação tanto da simultaneidade absoluta quanto da sucessão temporal. Admite o corolário da repetição a partir da proposição de que as possibilidades de vivências humanas seriam, em última instância, finitas (BORGES, 1966, p. 97), exatamente como os recursos gráficos de uma biblioteca. O ensaio expõe sua refutação do tempo sucessivo — ao invés da imersão em um presente absoluto — da qual o próprio autor relata descrever, “mas que costuma visitar-me à noite e no exausto crepúsculo, com ilusória força de axioma. Essa refutação está, de certo modo, em todos os meus livros” (BORGES, 2000, p. 133).

O ponto principal de seus ensaios, que também se ratifica em muito de sua ficção, talvez seja a dificuldade de compreendermos integralmente a questão do tempo, visto que temos apenas nossas perspectivas humanas limitadas. Além dos contos aqui abordados e dentre os muitos outros exemplos possíveis, destaca-se “El Aleph”, de 1949, que tematiza a apreensão simultânea de espaços-tempos e se abre com a seguinte epígrafe de Thomas Hobbes: “[...] that Eternity is the Standing still of the Present Time, [...] which neither they, nor any else understand, no more than they would a Hic-stans



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

for an Infinite greatness of Place. (*Leviathan*, IV, 46)”<sup>3</sup>. É no conto “La Biblioteca de Babel”, porém, de 1941, publicado em *Ficciones*, que Borges entrelaça a noção de infinitude à linguagem verbal. O narrador em primeira pessoa descreve a existência de lugar denominado simplesmente “a Biblioteca” por alguns, mas que ele considera nada menos que “o universo”. Uma vez que o conto é inteiramente dedicado a descrever um lugar, trata-se do domínio do espaço mais do que do temporal; a dificuldade de separar esses domínios, porém, confirma-se nas especulações do narrador. Embora composto por itens finitos — livros são escritos, afinal, com quantidade limitada de símbolos gráficos e espaços —, o narrador defende que o local seja interminável. Para qualquer ser humano, de todo modo, seria necessária uma eternidade para percorrer essas galerias, que contêm textos de todos os tipos, idiomas e níveis de (in)utilidade.

Em meio a disputas de teorias e crenças, o narrador nos expõe suas certezas, a começar pela existência *ab aeterno* dessa biblioteca, em eternidade pura para além da mera ausência de um ponto final. Corolário imediato desse axioma é “a eternidade futura do mundo” (BORGES, 2003, p. 93) — ainda que não do homem, imperfeito e mortal. Por mundo, aqui, entende-se o universo, isto é, a Biblioteca, com inicial maiúscula. O uso do adjetivo “futura” para a palavra “eternidade”, nas palavras desse narrador, guarda em si um possível oxímoro: aquilo que é eterno e *ab aeterno* não tem ponto originário nem futuridade. O conto delinea uma tensão entre imaginar ou não os limites da Biblioteca.

Os limites são múltiplos, podendo se referir ao espaço, ao acervo ou à possibilidade de percorrê-lo. Narra-se a “extravagante felicidade” que acometeu os seres humanos ao saberem que a Biblioteca continha todos os livros: “[...] sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja

---

<sup>3</sup> A epígrafe foi mantida em inglês na publicação brasileira aqui referenciada. Tradução do trecho: “[...] que a eternidade é a manutenção do presente [...] que nem eles nem ninguém compreende, tal como não compreenderiam um hic-stans para uma infinita grandeza de espaço”.



*Luísa Leite Santos de Freitas*

eloquente solução não existisse” (Ibid., p. 96). Saber que a Biblioteca abrange todas as combinações possíveis do que pode ser expresso e que, portanto, que ela *deve* conter conhecimentos valiosos despertou “desmedida esperança”. A consciência de que boa parte deles permanece inacessível, por outro lado, suscitou “depressão excessiva” (Ibid., p. 97).

A descrição da Biblioteca é esmiuçada à medida que o narrador menciona, entre outras características, as suas galerias hexagonais<sup>4</sup> — “talvez infinitas” —, uma escada em espiral “que se abisma e se eleva ao infinito” e um espelho, que sugere infinitude (Ibid., p. 91). As lâmpadas seriam esféricas fontes de luz incessante, embora insuficiente à infinitude. O lugar pode ser infinito; os seus recursos, não. Uma comparação enfatiza a insuficiência da consciência humana perante a infinitude: a Biblioteca cujas lâmpadas brilham como estrelas é como o universo, de que não se apreende mais do que o horizonte conhecido. Seus limites são incógnitos e, por isso, *supõe-se* o infinito. Alegoriza-se a própria literatura.

O narrador diz ainda que, como outros, já peregrinou em busca de algum “catálogo dos catálogos” do acervo incomensurável. Nunca se encontrou, contudo, algo que o catalogasse ou descrevesse. Místicos usam “palavras obscuras” ao buscarem certa catarse, esperando “que o êxtase lhes revele” a divindade máxima. Somente há teorizações humanas, ideias em disputa, algumas mais passíveis de se tornarem canônicas, outras consideradas menos prováveis.

Afirmo que a Biblioteca é interminável. Os idealistas argüem que as salas hexagonais são uma forma necessária do espaço absoluto ou, pelo menos, de nossa intuição do espaço. [...] (Os místicos pretendem que o êxtase lhes revele uma câmara circular com um grande livro circular de lombada contínua, que siga toda a volta das paredes; mas seu testemunho é suspeito; suas palavras, obscuras. Esse livro cíclico é Deus.) (BORGES, 2003, p. 92)

A consequência da infinidade de livros é esta: seu conteúdo absoluto abarcaria todos os conhecimentos possíveis, uma vez que abarca todas as possibilidades das

---

<sup>4</sup> Em [libraryofbabel.info](http://libraryofbabel.info), reproduz-se em interface interativa a descrição do conto de Borges. (Meu agradecimento ao Vinícius Portella por se lembrar dessa página.)



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

línguas, incluindo “todas as estruturas verbais, todas as variantes que permitem os vinte e cinco símbolos ortográficos” — e, por isso mesmo, “Falar é incorrer em tautologias” (Ibid., p. 99). “Também se esperou então o esclarecimento dos mistérios básicos da humanidade: a origem da Biblioteca e do tempo” (Ibid., p. 96). Seriam esses mistérios expressos em linguagem verbal e, portanto, contidos ali? Não seriam alguns deles simplesmente infáveis, incompreensíveis pela razão e inexprimíveis pelo verbo? Segundo o narrador, seria “verossímil que esses graves mistérios possam explicar-se em palavras: se não bastar a linguagem dos filósofos, a multiforme Biblioteca produzirá o idioma inaudito que se requer e os vocabulários e gramáticas desse idioma”, sendo ela “total” (Ibid., p. 96-97).

Em uma aproximação entre Joyce e Dante, Umberto Eco discorre a respeito da abordagem joyciana para a pluralidade linguística. O autor afirma que “o projeto de Joyce [...] parece ser o de superar o caos pós-babélico, não o recusando, mas aceitando-o como única possibilidade. Joyce nunca quis se colocar diante ou além da Torre, ele quis viver dentro dela” (ECO, 2011, p. 94). Viver dentro da Torre de Babel, deixar que a linguagem seja acometida, invadida pela pluralidade linguística e pela disseminação de sentidos.

Se no universo da Biblioteca de Babel, ou que é a Biblioteca de Babel, tudo é convertido em linguagem, poderia a linguagem tudo converter? “Não me parece inverossímil que, em alguma prateleira do universo, haja um livro total” (BORGES, 2003, p. 98), declara o narrador do conto de Borges. O universo seria redutível à linguagem. “Para localizar o livro A, consultar previamente um livro B, que indique o lugar de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito...” (BORGES, 2003, p. 34). As obras podem se referenciar indefinidamente.

O conto de Borges evidencia, ainda, que a existência de uma coletânea infinita não garante conhecimento absoluto, pois é preciso saber identificá-lo e interpretá-lo. Não à toa a capacidade *absoluta* de leitura, impossível, degrada em depressão a

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



*Luísa Leite Santos de Freitas*

“extravagante felicidade” inicial perante o acervo eterno. Ainda que fosse possível percorrer todo o conhecimento de Babel, o ruim e o bom, absorver o inútil e o útil, todas as suas sílabas “de ternuras e de temores”, é necessário o esquecimento para que construa uma memória. Paul Ricoeur, mencionando “Funes el memorioso”<sup>5</sup>, outro conto de Borges, sintetiza: “Paradoxalmente, o delírio de exaustividade se revela contrário ao próprio projeto de fazer história” (RICOEUR, 2012, p. 411).

No conto de Borges denominado “El jardín de senderos que se bifurcan” (1941), a priorização do presente é enfatizada em mais das teorizações borgianas sobre o tempo. A infinitude da biblioteca e sua proximidade com o aparato teórico quântico reaparece nas múltiplas possibilidades do labirinto. Em muito, o jardim do título se assemelha ao conto “El Aleph”, por conterem o inabarcável. No que tem de circular, em seu aspecto labiríntico, remete ao conto “Las ruinas circulares”. Yu Tsun, agente a serviço da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, é o protagonista em busca de um Stephen Albert. Seu fluxo de pensamentos trata do presente inescapavelmente vivido por apenas um sujeito: “Depois refleti que todas as coisas nos acontecem precisamente, precisamente agora. Séculos de séculos e apenas no presente ocorrem os fatos; inumeráveis homens no ar, na terra e no mar, e tudo o que realmente acontece, acontece a mim...” (BORGES, 1999, p. 37).

É a antecipação de sua própria morte que suscita esses pensamentos. Está prestes a acontecer, sem que ele saiba quando ao certo. Quando finalmente encontra Stephen Albert, este lhe revela detalhes a respeito de seu bisavô, Ts’ui Pen. Tinha dois projetos aparentemente muito distintos: construir um labirinto e escrever um romance. Ao imaginar os labirintos que seu bisavô sonhara construir, o narrador imagina um “labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros” (BORGES, 1999, p. 40). Sua divagação faz com que se sinta, “por tempo indeterminado, com percepção abstrata do

---

<sup>5</sup> No obituário de Joyce, Borges menciona tal personagem como possível exemplo de leitor perfeito de *Ulysses* e, mais ainda, de *Finnegans Wake* (BORGES, 2001, p. 220-221).



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

mundo“ (BORGES, 1999, p. 40). Essa descrição — cuja ilusão durou “tempo indeterminado”, em um tempo psicológico de devaneio do protagonista — é de um labirinto cuja infinidade espacial implica que seu tempo seja o da eternidade, abarcando passado e futuro e apagando divisões.

O conto refuta seu próprio protagonista. Stephen Albert lhe revela que as duas metas convergiam, na verdade, em um só projeto. Ts’ui Pen trata de tempo sem citar nomeá-lo como tema, exceto quando diz não acreditar num tempo uniforme, absoluto. Acreditava em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades (BORGES, 1999, p. 43). O bisneto do autor, descrente, diz que “o futuro já existe” (BORGES, 1999, p. 40). Depara-se, ao contrário do que acreditava, com o fato de que seu bisavô fora bem-sucedido no desafio autoimposto: engendrou romance repleto de possibilidades, que era, como define Stephen Albert a Yu Tsun, “uma imagem incompleta, mas não falsa, do universo tal como o concebia Ts’ui Pen” (BORGES, 1999, p. 43).

O labirinto do autor era um labirinto de símbolos, que registrou em linguagem as veredas bifurcadas que imagina para o tempo universal. Como diz seu manuscrito, “Deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de veredas que se bifurcam” (BORGES, 1999, p. 39): alguns futuros incluiriam que seu manuscrito fosse encontrado e lido; outros, não. O romance de múltiplas veredas que se bifurcam no tempo não se deu por meio da construção de “um volume cíclico, circular [...] cuja última página fosse idêntica à primeira, com possibilidade de continuar indefinidamente” (BORGES, 1999, p. 39). Ainda que não seja circular, Albert explica que, ao contrário de narrativas lineares, em que, “cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma e elimina as outras, na do quase inextricável Ts’ui Pen, opta —

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



simultaneamente — por todas” (BORGES, 1999, p. 39). No que diz respeito à narrativa, seu romance apontava para uma potencialidade infinita de continuidades.

Ts’ui Pen conseguiu pensar um romance de “diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e se bifurcam” (BORGES, 1999, p. 39). O caráter de infinitude se dá em uma projeção para além da materialidade textual, uma vez que o romance necessariamente é o que apresenta de efetivamente legível; isso não significa que tal projeção deixe de ser, porém, parte do próprio texto, por estar engendrada em sua estrutura. A descrição de “um volume cíclico, circular [...] com possibilidade de continuar indefinidamente” (BORGES, 1999, p. 39) seria uma maneira bastante literal de pensar em um livro sem fim, e bem se aplica à estrutura concebida por James Joyce em *Finnegans Wake*. Por outro lado, a projeção ao infinito do romance fictício de Ts’ui Pen é mais literal do que poderíamos imaginar no *Wake*. Pode-se considerar a noção de “infinitude” na obra de Joyce sob o aspecto de uma obra de arte aberta, como no conceito de Umberto Eco, ou sob a perspectiva temporal que aqui apresento, de que *Finnegans Wake* nos obriga a uma reelaboração da leitura. A noção de abertura no *Wake* pode ser entendida, de todo modo, como uma abertura do conceito de ler, ao incitar uma leitura radicalmente inesgotável.

A narrativa aparentemente caótica de Ts’ui Pen e suas diversas possibilidades, como espécie de “labirinto dos labirintos”, leva a hipotetizar sequências narrativas em contradição, assim como a Biblioteca totalizante (e, portanto, ironicamente, de potencial sempre autorrefutável) de Babel. A tentativa de Ts’ui Pen de narrar incontáveis desenrolares deve se submeter, de todo modo, à linearidade da escrita e do ato de leitura. Diz-se que a sucessão de suas páginas parece caótica e incoerente — ao menos a quem não tem conhecimento de seu projeto labiríntico —, parecendo um “acervo indeciso de rascunhos contraditórios” (BORGES, 1999, p. 40). De sua linguagem, a julgar pelo manuscrito, não temos indicações de que seja diferenciada em qualquer aspecto. Sua aparente incoerência advém das sequências de “diversos futuros, diversos tempos que também proliferam e se bifurcam” (BORGES, 1999, p. 41) — que



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

constituem seu próprio projeto mal compreendido. Supõe-se, portanto, que haja sequências narrativas quebradas pelas possibilidades diversas que se bifurcam em novas continuações.

Para Umberto Eco, a Biblioteca de Babel ilustra que “a busca da palavra verdadeira é infinita e sem esperança” (ECO, 2011, p. 105). O autor, que registra até mesmo uma estimativa dos livros da biblioteca de Borges (ECO, 2018, p. 126), compara a Biblioteca à ideia “igualmente vertiginosa da pluralidade dos Mundos Possíveis” (ECO, 2011, p. 110). Tratando de um acervo com quantidade inapreensível de possibilidades, o conto de Borges não pode levar senão ao fim da esperança de determinações verídicas, assim como o de narrativas lineares totalizantes. Se a Biblioteca de Babel é o próprio universo, como diz o narrador, não há eixo definidor do espaço-tempo.

Em 1991, Umberto Eco proferiu a conferência “A Portrait of the Artist as a Bachelor” no University College Dublin. Lembrando que *Finnegans Wake* descende do antigo *Book of Kells*, diz que ambos são espécies de “modelo da língua humana e do mundo em que vivemos” e “são modelo de um universo em expansão, talvez finito e, contudo, ilimitado, ponto de partida para infinitas interrogações” (ECO, 2011, p. 104). Ressoa aí a aproximação entre Borges e a interpretação de muitos mundos feita por Eco — que, inclusive, já havia comparado a obra de James Joyce a essa mesma referência teórica em *Obra aberta* (ECO, 1989, p. 48). O paralelo mundo/obra que abrange *Finnegans Wake* e *Book of Kells* parece refletir a expansão espaço-temporal dos contos de Borges.

Eco afirma que o projeto comum entre Borges e Joyce é o de “tomar a cultura universal como terreno de jogo” (ECO, 2011, p. 112). Embora a execução seja diferente no caso de cada autor, é “igualmente rigorosa, absoluta e conduzida até o limite do possível e do pensável” (ECO, 2011, p. 113) em ambos os casos. Não é raro descrever *Finnegans Wake* sob o aspecto de um ideal extremo de condensação, buscando reunir

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



Luísa Leite Santos de Freitas

todos os livros em um. Nas palavras de William York Tindall, é um mundo em nosso mundo, “a world within a world” (TINDALL, 1969, p. 22). A isso acrescento: o mundo que o abarca inclui, também, o mundo o de quem o lê. O anseio aparentemente totalizante inerente a *Finnegans Wake* encerra, em última instância, um anseio de superação do tempo, uma vez que, ao reunir *todas* (em óbvia hipérbole) as grandes obras já escritas, supera-se a distância que é consequência da flecha do tempo.

A aproximação entre o texto babélico de *Finnegans Wake* e a organizadíssima Biblioteca de Babel não se resume à hipótese de livro/acervo total. No caos do conto de Borges, o narrador — apesar de distraído da “condição dos homens” e pela “escrita metódica” — revela certa angústia em saber que não é capaz de “combinar certos caracteres que a divina biblioteca não tenha previsto e que algumas de suas línguas secretas não contenham um terrível sentido”; a infinidade de possibilidades o leva a pensar nas mais extremadas hipóteses: “Ninguém pode articular uma sílaba que não esteja cheia de ternuras e de temores; que não seja em alguma dessas linguagens o nome poderoso de um deus” (BORGES, 2003, p. 99). Já *Finnegans Wake* não concretiza um livro total, que, no sentido de Borges, tem senso de esgotamento, de exaustão e, portanto, de ausência de novidade. A desconcertante tensão criada pela hipótese da Biblioteca de Babel é, afinal, imaginar um esgotamento das possibilidades e saber, ao mesmo tempo, que elas continuam efetivamente inapreensíveis em sua totalidade.

“A certeza de que tudo está escrito nos anula ou nos fantasmagoriza” (Ibid., p. 100). A existência absoluta de todas as possibilidades abarca, por conseguinte, toda contrariedade, como o narrador diz a respeito do próprio texto: “Esta epístola inútil e palavrosa já existe [...] e também sua refutação” (Ibid., p. 99). Se há combinações infindáveis e códigos incontáveis, deve haver um idioma em que uma palavra signifique x e outro em que a mesma palavra signifique y; como assegurar a comunicação? “Você, que me lê, tem certeza de entender minha linguagem?” (Ibid., p. 100).

O narrador sintetiza, ao final do conto, que a Biblioteca seria “ilimitada e periódica” (BORGES, 2003, p. 100). A eternidade futura está na abertura a



*Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce*

reordenações dos livros (todos) que existem. A infinidade seria passível de ser percorrida, porém, somente por um viajante sobre-humano e *panlíngue*, com um indefinido tempo disponível para fazê-lo e total conhecimento das possibilidades linguísticas ali contidas. Nas palavras de Derrida em seu texto “O livro por vir”, “sabemos bem que o que vivemos e aquilo de que falamos [...] ocupa o tempo e o lugar de uma minúscula vírgula num texto infinito” (DERRIDA, 2004, p. 34).

## Referencias

- BORGES, Jorge Luis. *Borges en Sur: 1931-1980*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. London: Harrap, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. *História da eternidade (1936)*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Buenos Aires: Editorial Proa, 1926. Disponível em: <https://archive.org/details/inquisiciones00borg/page/n37/mode/2up>. Acesso em: 9 jan. 2022.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas 1923-1972*. Ed. Carlos V. Frías. 14ª edição. Buenos Aires: Emecé, 1984 (1974).
- BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Globo, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *Textos cautivos: ensaios reseñas en El Hogar*. 1986.
- BORGES, Jorge Luis. *The total library: non-fiction 1922-1986*. Ed. Eliot Weinberger. Tr. Esther Allen, Suzanne Jill Levine, Eliot Weinberger. London: Penguin, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- ECO, Umberto. *Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.
- ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Editora Globo, 1989.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FREITAS, Luísa Leite Santos de. Tautologias e fantasmagorias: tempo para Jorge Luis Borges e James Joyce. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 43-58.



Luísa Leite Santos de Freitas

- JOYCE, James. *Finnegans Wake/Finícius Revém*. Introdução, versão e notas de Donaldo Schüler; desenhos de Lena Bergstein. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- JOYCE, James. *Finnegans Wake*. London: Penguin classics, 2000.
- NOVILLO-CORVALÁN, Patricia. *Borges and Joyce: an infinite conversation*. London: Routledge, 2011.
- RAMANAN, Venkat. "Time and the observer in Jorge Luis Borges." In: *Literature & Aesthetics*, 30 (1), 2020. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/RAMTAT-4>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 5ª reimpressão. Tradução Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- VERENE, Donald Phillip. *James Joyce and the philosophers at Finnegans Wake*. Northwestern university press, 2016.
- VICO, Giambattista. *Ciência nova*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Recebido em: 10/06/2024.

Aceito em: 20/07/2024.